

REDES DE TROCA, MOEDA SOCIAL E ECONOMIA SOLIDARIA NA ARGENTINA: O NOVO E O VELHO

Heloisa Primavera, heloisa@alliance21.org, Rio de Janeiro, Girassol No 4, outubro 2003

Muito se fala de mudança de paradigmas: o novo que esta surgindo e o velho que esta morrendo. Os que acreditamos estar construindo uma ordem social nova, sabemos que o novo e o velho costumam se misturar: pensamos novo e agimos velho, pensamos velho e, as vezes, agimos novo, quase sem querer!¹ O que fazer? Observar e, principalmente, observar-nos! Com as novas categorias de pensamento do novo paradigma, o paradigma da abundância. Os breves comentarios que quero fazer aqui sao para transmitir que a experiência argentina das redes de troca foi e continua sendo muito rica, porque mostra justamente isso: *como o velho e o novo se misturam sempre* e como novos caminhos podem surgir de iniciativas tao diversas.

Para quem nao sabe ou nunca viu os dados todos juntos, ai vai uma sintese brevissima:

1. O 1º clube de trocas nasceu na Provincia de Buenos Aires em 1995, como uma “experiência” de um grupo de 23 pessoas, de orientação ecologista, com ideologias variadas, isto é, com propósitos múltiplos, em geral destinados, legitimamente, a atenuar os efeitos da desocupação; hoje, por declarações feitas à mídia e pelo rumo que as coisas tomaram a partir do ano 2000 (*Atenção! nao é indiferente essa data!*), o que queriam mesmo era fazer negocio! Ou seja, vender um serviço a outro grupo de desempregados ou subempregados – como eles também o eram - e cobrar pelo mesmo. Tal como estava na moda aquele “marketing de multinível” de varias empresas americanas, cujo maior negocio era “construir a rede” de distribuidores e viver dos “restos” que caíam do processo coletivo.

2. Em dois anos, com a ajuda oportunista da mídia, o processo expandiu-se e alcançou a alguns milhares, em varias regiões da Grande Buenos Aires; mas o “negocio” nao funcionou, porque a idéia foi apropriada por pessoas e grupos que a entenderam como uma forma de distribuir a riqueza e fez com que comesçassem as tensões entre grupos e lideranças que pretendiam hegemonizar a experiência total.

3. A partir de 1998, a experiência difundiu-se ao Uruguay, Brasil, Ecuador, Peru, Colombia, Chile, Bolivia e América Central, principalmente ao redor da idéia de autogestão e autonomia dos grupos em suas atividades, mas especialmente na emissão, distribuição e controle dos instrumentos de intercambio, então denominados bonos, vales, nao-dinheiro e, finalmente, moneda social. Os numeros sao difíceis de calcular pero podemos estimar em varias centenas de milhares.

4. Em julho de 2000, o grupo fundador decide centralizar as operações e recuperar a “patente” do que acreditava sua invenção, tentando difundir uma mal chamada “franquia social” que nao era mais que uma apropriação do trabalho coletivo, tanto da construção das redes, como dos produtos e serviços que produziam quem nao tinham o privilégio de pertencer às filas do “Banco Central”; é a etapa de diferenciação das diferentes redes solidarias e empresarias que culmina com uma quantidade de aproximadamente 6 milhoes de aderentes so na Argentina. Em dezembro desse ano, um descuidado processo politico faz com que o grupo fundador encontre a forma de infectar o pais com papeis sem valor, numa extraordinaria defasagem entre a produção e o consumo: começa o processo de “hiperinflação” e destruição da confiança nas organizações e nos instrumento de troca.

5. A crise institucional de dezembro de 2001 encontra os milhares de clubes de troca argentinos em plena expansão suicida, com pequenos grupos copiando as “melhores praticas” dos grupos mafiosos que tentavam suas ultimas manobras de apropriação do trabalho de enormes grupos de desocupados,

¹ Parece, segundo Humberto Maturana, que isso vem de uma desconexão intrínseca de nosso modo particular de “ser humano”, isto é, de nossa cabeça e de nosso corpo, de nossos pensamentos e nossas emoções, que viajam em velocidades diferentes. O espaço nao da pra falar do tema, mas quem quiser pode pedir material sobre isso (“A gazela contra-ataca”).

que ainda viam nessa iniciativa da sociedade civil uma esperança de liberação do estado desertor e do mercado neoliberal em sua etapa mais selvagem. Durante o ano de 2002, ocorrem as explosões sociais, dentro e fora dos clubes de troca, ao mesmo tempo que toman forma novas iniciativas como as assambléias populares barriais, as organizações “piqueteras” e a recuperação de fabricas falidas.

6. A partir de 2003, assistimos o renascimento das formas solidarias de clubes de trocas, ao mesmo tempo que se constata a permanecencia das redes de regioes cuja organização se fez ao mesmo tempo que a incorporação da moeda social. Começam a aparecer novas formas de economia solidaria associadas a iniciativas coletivas plural e heterogeneamente organizadas. Os fundadores aperfeiçoam seu negocio, criando uma sociedade anonima que vende um kit com notas impossiveis de falsificar. Estimam-se em umas cem mil pessoas, como minimo, aquelas que estao se animando a re-criar a economia solidaria. Como a Ave Fênix...

Ficam as lições de como se constroi o novo e de como o velho sempre vai estar vivo. Para que saibamos andar com abertura, mas também com cautela, pensando que a construção do novo tera sempre riscos impensados, que deveremos enfrentar nessa longa caminhada que apenas esta começando...